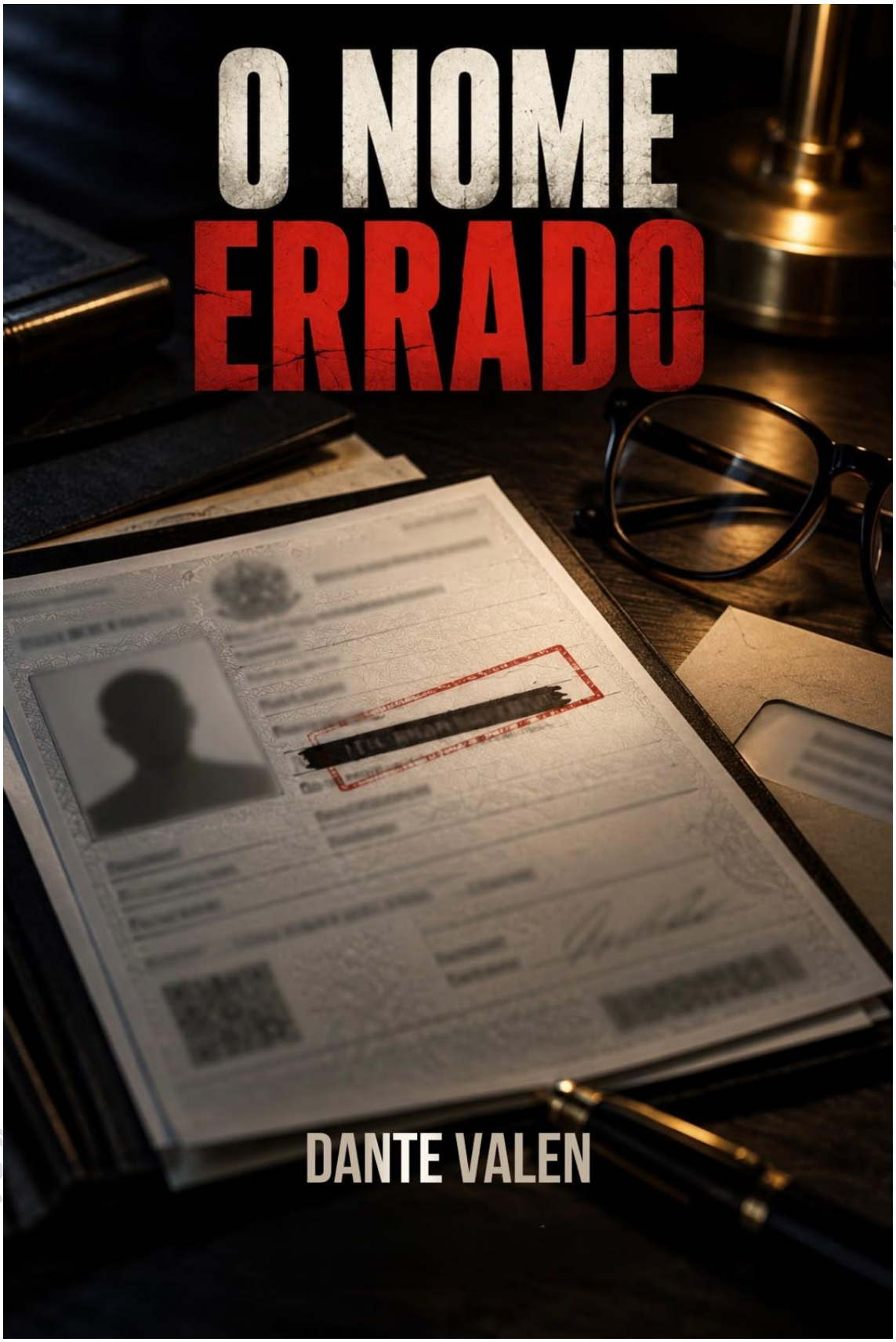
CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO



CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

CÓPIA ANTECIPADA DE AVALIAÇÃO (ARC) — VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS.

Este arquivo é cedido exclusivamente para fins de resenha e avaliação. Proibida a cópia ou distribuição sem autorização do autor.

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

Créditos: Dante Valen

Aviso de Ficção: "Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais reais é mera coincidência."

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

O Nome Errado

Dante Valen

Sinopse

Dois nomes parecidos. Um erro fatal.

André Barbosa sempre buscou uma vida simples e correta: a escola, o futebol, o sonho de ser policial. Enquanto isso, havia alguém muito perto mergulhando nas sombras de fóruns clandestinos e cibercrimes cada vez mais audaciosos.

Aos dezoito anos, a vida de André é despedaçada em uma noite de pesadelo: ele é sequestrado por criminosos armados que exigem saber onde estava o dinheiro roubado online.

André sobrevive, mas percebe o terror tarde demais: a violência não era para ele. Alguém vinha usando seu nome como sombra, escudo e armadilha.

Preso em uma teia de acusações falsas, destruição de reputação e segredos familiares, André descobre que a Justiça pode até absolver um homem... mas a memória da internet condena para sempre.

Quando uma oportunidade inesperada surge no limite da lei, André precisa decidir até onde está disposto a ir para recuperar sua identidade. Mas como provar quem você é quando o sistema inteiro lucra com a mentira?

Um thriller envolvente sobre conspiração, paranoia digital e o preço de ter o nome errado.

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

Biografia: Sou um interessado na área militar há tempos, tendo efetuado pesquisas antes de escrever esta obra. Em caráter biográfico, produzo música

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

autoral como hobby, bem como covers musicais. Cursei faculdade de Produção Audiovisual.

Parte 1 — Nome Errado

Capítulo 1 — Violência gratuita?

André tinha feito 18 fazia três meses, e estava muito empolgado com sua habilitação. Cada dia que saía de casa, de carro, era uma sensação nova de prazer e liberdade. Sua palestra sobre Publicidade na era digital começaria às 19h30, então se organizou para sair a tempo.

Colocou sua mochila no golzinho quadrado, tirou o carro da garagem e fechou o portão. "Como podem meus pais ainda terem um portão manual?"

Deu ré para pegar a rua que desembocava na sua. Distraído que era, não costumava observar o movimento antes de sair de casa. Sua mente vagava, como de costume, enquanto estava pra engatar a primeira. Ouviu um grito nervoso:

— Sai do carro! Sai do carro agora ou vamos explodir sua cabeça!

O mundo girou, sua espinha gelou. O coração falhou. Colocou o câmbio no neutro, e esqueceu do freio de mão. Saiu do carro com as pernas bambas, e as mãos para cima.

— Tem cofre na sua casa? — A pergunta era sem nexo e deixou André desnorteado. — Tem cofre na sua casa, playboy? Responde rápido!

— Não, não tem, não que eu saiba — respondeu. Os criminosos olharam em volta. Um deles disse:

— Mete esse mané no carro! Vamos embora! Daqui a pouco passa alguém, aí fudeu!

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

— Entra no banco de trás, playboy! Vai, anda! — comandou o bandido, apontando a arma para a cabeça de André. — Fica com a cabeça abaixada, playboy! E não olha pra gente! Senão a gente puxa o gatilho! Tá entendendo? Responde, playboy!

— Sim, estou entendendo — disse André. Sua voz tremia. Ele encarou uma mancha no carpete do carro, e sentiu dificuldade de engolir. Completamente encurvado, André não conseguia imaginar um motivo para aquilo.

— Por que vocês estão aqui? O que eu fiz? — André não sabia por que, mas por algum motivo, alguém havia dado o endereço da pessoa errada para as pessoas erradas.

— Cala a boca, playboy! — gritou o encapuzado ao seu lado. André sentiu o frio do metal pressionar sua nuca. — Você não faz perguntas! Você não fala a menos que alguém mande! E acho bom você obedecer!

Tudo que André ouvia era o metal das armas. Depois a respiração dos bandidos apertados ao seu lado no banco de trás. Estava muito perdido. Não conseguia processar o medo. Não existia qualquer chance de se opor. Dos cinco que eram, André viu pelo menos três com armas. "Minha mãe vai ficar brava que eu não escovei o dente". A frase sem nexo cortou seu pensamento.

— Passa a carteira! Anda logo! — disse o sujeito do banco do carona. André pegou a carteira lentamente e passou para ele. No console André tinha um maço de cigarros de cravo. — Você fuma, playboy?

— Fumo às vezes... — disse André, sem entender a curiosidade. Um dos bandidos tinha um cheiro forte de cigarro.

— Tô entendendo. — O bandido pareceu ficar mais tolerante. — Aí, milionário, ficamos sabendo que você não nasceu playboy. Tu roubou um banco pela internet, e finge que não tem nada. Onde está a grana?

A frase soou abafada como se ouvida debaixo d'água. André não distinguiu as palavras e ficou em silêncio. "Minha calça está suja" — pensou.

AMOSTRA CONFIDENCIAL PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

— Cadê a grana da internet, playboy? Tô falando com você, caralho!

— O quê? Grana? Não ouvi, o quê?

— Terceira e última vez: cadê porra da grana que tu roubou na internet? — gritou o bandido.

— O quê, eu? O quê? — retrucou André. — Vocês pegaram o cara errado! Não fiz nada disso! Mal uso a internet!

— Playboy, não brinca com a gente! Nós vamos te matar, filha da puta! Onde está a grana?

Nesse momento uma viatura passou pelo carro, vindo pela outra mão. O bandido olhou o retrovisor e viu a viatura dar meia-volta.

— Eles deram a volta, estão atrás!

Os cinco entraram em pânico.

— Eles viram a gente! Eles viram a gente! Vamos matar esse filho da puta e dar o pinote!

Aceleraram o carro até despistarem a viatura. A polícia não sabe de nada, pensou André. Logo entraram numa estrada de terra. O carro balançava muito. Dava solavancos e quicava. Não houve abordagem, mas a viatura assustou os bandidos.

— Vamos largar essa merda desse carro! Os caras perceberam! Daqui a pouco eles acham a gente! — disse o motorista, encapuzado.

Quando André se deu conta, estavam parados. Era uma estrada de terra. Antes de saírem do carro, deram a instrução:

— Conta até 100 e sai do carro. As chaves já estão no mato, playboy. Hoje você tá livre. Mas sabemos onde cê mora.

E saíram do carro. André começou a contar. Foi até sessenta. "Estou contando muito rápido". E contou de novo até oitenta. No silêncio de tudo,

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

ficou calmo demais. Seu corpo, até agora tenso, de repente relaxou. Teve vontade de rir, mas sentiu vergonha por ter obedecido.

De repente sentiu o medo bater de verdade. Se saísse antes, podia mesmo levar tiro. Resolveu contar até mais 100. Começava rápido, "Onze, doze..." e a memória da sua prova de habilitação inundou seu pensamento. "O que eu estava fazendo agora?" — continuava totalmente encurvado no banco de trás, olhando para o chão. O medo voltou, e ele recomeçou a contar.

Do momento em que os criminosos o mandaram contar e saíram do carro, já tinham se passado quinze minutos. E André ainda estava imóvel. Até que ergueu o corpo. Olhou para os dois lados, e pelos vidros do carro via apenas escuridão. André não se deu conta, mas movia-se devagar demais. Tentou encontrar a alavanca do banco do carona.

Estava tateando muito pra baixo. Sentia cada fibra de tecido do banco sob os dedos.

Quando finalmente saiu do carro, André não tinha muitas opções. Passava das oito. O lugar era rural. A estrada era de chão batido. O céu estava encoberto, aumentando o breu. Procurar as chaves, sem sequer a luz da lua? Aquele desgraçado deve ter jogado ela do outro lado do terreno. Nessa hora percebeu que tinham levado seu celular. Agora ele já não pensou muito. Por impulso, escolheu um lado e seguiu a pé. "Onde é isso aqui? Será que vai ter alguém mais nessa estrada?" — pensou. — "Onde estão as luzes..."

Após caminhar poucos metros, pensou: "agora já estou enxergando mais o chão". Mas ainda com dificuldade enxergou uma estrada estreita, que parecia levar a uma casa. Tinha dois pontos de luz a uns 200 metros. André não pensou duas vezes. De modo automático pensou: "Não vai ser difícil encontrar alguém lá" e entrou na estradinha.

Mas não precisou andar muito até ouvir latidos muito altos e graves. Quando conseguiu ver os cachorros correndo em sua direção, já estavam perto demais. Deu meia-volta e correu como se não houvesse amanhã. Mas sem luz,

AMOSTRA CONFIDENCIAL. PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

sem direção, bateu direto numa cerca de arame farpado. Ao se levantar, sua mão teve um corte que começou a escorrer sangue. Mas ele não sentiu dor alguma.

Ele se levantou com dificuldade, e chutou os cachorros como conseguiu. Assim que os cães recuaram, ele voltou a correr.

Chegou na rua de onde tinha saído. André seguiu com o coração acelerado. Não deveria estar tão longe de algo familiar. Isso trazia alívio. "Pelo menos não me mataram. Meu Deus, que merda de história foi essa? Roubo pela internet?! Como eu vim parar nisso aqui!" Só aí se deu conta do corte na mão: "Olha meu estado!" Ficou alguns segundos parado, olhando cada mínimo detalhe do corte. Esticou a mão, e o corte sangrou mais. Tinha uma área profunda que minava sangue escuro.

André estranhou não lembrar o que tinha acontecido logo antes de chegar ao asfalto. Olhando para suas pegadas, reparou em seu rastro de sangue no chão. Não processou a gravidade. Avistou um telefone público. "Não acredito que isso ainda existe aqui!" Sem perceber, ao entrar, deixou um borrão de sangue fresco por fora da cabine.

Tentou discar a cobrar para o número de sua casa. A ligação não passou. Tentou de novo. Dava linha, mas a ligação ficava muda. "Merda! Telefone quebrado!".

Ainda estava rezando para o telefone funcionar, quando ouviu bem perto um ronco a diesel. Ele reconhecia aquele ronco desde quando andou na F1000 do seu avô, no interior do Mato Grosso. Com medo, olhou de canto de olho. Às suas 4 horas, pareceu ver uma lanterna forte bem na sua cara. Olhou de novo. Viu um policial apoiando a pistola no retrovisor.

— Você tá com droga?

Um policial o interrogava, arma apontada. O outro desceu da viatura, o mandou virar de costas, o revistou e algemou, mesmo sem haver flagrante. Já no camburão, continuaram o interrogatório:

— Você tá vindo de onde?

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

— Eu fui assaltado! Estava em casa e chegaram cinco caras com...

— Tá, você mora onde?

— Rua Eucaliptos, sem número...

— Mas você tá vindo de onde?

— Eu estava saindo de casa quando...

— Sua casa é onde?

— Eu moro aqui perto, na Rua Eucaliptos...

— E esse sangue aí? Você brigou?

— Eu caí numa cerca de arame farpado...

— Você vende droga?

— Não!

— Fez uso de substância?

— Não!

— Mas fala de onde você saiu antes de vir parar aqui.

Após repetirem muitas vezes a mesma pergunta, André ficou impaciente. "Não é possível, agora ainda vou ser preso?", pensou. À terceira vez que o policial perguntou "isso a gente já sabe, explica logo o que aconteceu desde o começo", André disse, quase chorando:

— Eu já expliquei, velho! — ele não conseguia acreditar no absurdo de tudo aquilo.

— Velho não, que aqui ninguém é velho! — retrucou o carona.

André foi dizendo o caminho sem saber com certeza se chegariam ao carro. Mas chegaram. Ao chegarem no carro, os policiais demonstraram surpresa.

— Esse carro é seu?

— Dos meus pais...

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

Por algum motivo os policiais pediram outra viatura e desceram. Colocado ao lado da frente do camburão, a poucos metros de seu carro, André viu fazerem buscas na porta, porta-luvas, bagageiro, capô e banco de trás.

Nesse momento, algo dizia a André que iria dar tudo certo. O carro estava no nome de seu pai, e o documento de andar estava no porta-luvas. O policial perguntou de longe e sem contexto.

— Qual o nome do seu pai?

— Rúbio Barbosa.

O nome bateu com o documento do carro. O motorista então chegou próximo de André pela primeira vez, e disse que tinham ouvido no rádio um relato de morador da região que, por volta das 19h, viu 5 pessoas com camisetas cobrindo o rosto.

Nesse ponto o policial o desalgemou. Concordaram em levá-lo até sua casa. Só sua mãe estava, e para ela, André tinha chegado bem à palestra.

O policial pediu para conversar com ela em particular. E a conversa não terminava nunca.

André não conseguia processar nada do que tinha acontecido em pouco mais de uma hora. Cansado, assumiu a posição de cócoras. Fixou seu olhar na estrada, e tudo em volta perdeu o foco por minutos a fio.

— Vamos deixar avisado que vocês vão na delegacia amanhã. Alguma ideia de horário? — perguntou o policial.

— Provavelmente de manhã. O Rúbio está em viagem e chega de madrugada.

— Então vamos avisar que vocês vão de manhã.

— Tá ok — disse a mãe de André.

Os policiais saíram acelerando como se indo pra uma ocorrência.

Já dentro de casa, a mãe queria saber tudo.

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

— Meu filho, o que houve com sua mão? Eles te machucaram? Quem fez isso?

— Não, mãe, ninguém encostou em mim... — disse André, quase tão preocupado quanto ela.

— Onde foi isso? Quanto sangue na sua roupa!

— Eu caí sozinho, mãe, numa cerca de arame farpado...

— Por que você caiu? Te jogaram numa cerca?

— Mãe, estava muito escuro e tinha cachorros atrás de mim... Eu não vi a cerca e me machuquei, mas não é nada tão grave... Eu estou bem agora, não se preocupe.

— Ah, meu filho... — a mãe começou a chorar.

— Calma, mãe, está tudo bem. Estou aqui agora, é isso que importa.

André também chorou. Eles se abraçaram.

— Meu filho, Deus deixou isso acontecer com você pra te livrar de algo pior...

— Eu sei, mãe, eu sei. Poderia ter sido muito pior... Agora vou tomar banho, quero tirar essa roupa.

Mesmo depois de um sequestro, André queria transparecer que tudo estava normal. Queria acreditar que sim.

— A senhora me leva na palestra? Nem que eu pegue só o final...

— Lava com água e sabão o machucado primeiro, porque no chuveiro vai ficar doendo...

— Tá bem, mãe...

— Quer mesmo ir nessa palestra? Não é melhor você descansar?

— Não, mãe, estou esperando isso já tem 3 meses...

— Então vai tomar banho e eu te levo.

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

Saindo da casa, Rúbio ligou para a mãe de André. André já tinha confirmado com sua mãe que preferia ir até a delegacia apenas no dia seguinte.

— Seu pai quer falar com você. Toma — disse ela, entregando o telefone.

— Alô... — disse André, reticente.

— André. — Rúbio ficou em silêncio. — Você tá bem?

— Sim, pai, eu estou bem.

— O que aconteceu?

— Não sei... não consigo lembrar direito, minha cabeça está meio lenta.

— O que eles queriam?

— Falaram de um dinheiro roubado na internet, eu não consigo entender...

— Internet? Roubado? — Rúbio não acreditou. — Você fez isso? — A frase soou para André como uma agressão.

— Claro que não! Como eu poderia ter feito isso se mal uso o computador?

— É verdade, André. De onde você acha que tiraram isso?

— Não sei. Mas como vieram em cinco, talvez tenham achado que era dinheiro suficiente pra dividir por cinco... Não sei que dinheiro é esse, eu só estudo, nunca ganhei dinheiro!

— Eles encostaram em você?

— Não... só ameaçaram com armas.

— E o que eles falavam?

— Que iam me matar... acabar comigo... Me chamaram de playboy, que eu roubei pela internet...

— Sua mãe disse que você tem um corte. Onde é o corte?

— Na mão, mas já parou de sangrar...

— Eles te esfaquearam?

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO

CÓPIA DE AVALIAÇÃO | VENDA E DISTRIBUIÇÃO PROIBIDAS
ELVCORP.COM.BR/LIVROS/O-NOME-ERRADO

— Não, eu que caí sozinho, no escuro.

— Caiu por quê?

— Porque estava fugindo de três cachorros no escuro.

Rúbio travou. Percebeu que muita coisa tinha acontecido em pouco tempo.

— Como assim?

— Quando abandonaram o carro, eu tive que andar numa estrada até a polícia me encontrar. Antes, tive que fugir de uns cachorros ferozes.

— Puta que pariu... — Rúbio não tinha outra resposta.

André ficou em silêncio. Ele sabia que seu pai nunca passara por nada assim. Rúbio não parecia saber bem o que dizer. André compreendia o motivo das perguntas da mãe, mas não o objetivo das do pai. Não lhe ocorreu retorquir "por quê?", ou perguntar de que forma os pais entendiam o que aconteceu.

— Amanhã vamos na delegacia de manhã. Pode ser?

— Sim.

— E você está indo na palestra?

— Sim, chegamos agora. Preciso entrar.

— Ok. Me encontre na delegacia amanhã. 09h, ok?

— Ok.

— Você reconheceu a voz de algum deles?

— Não... parece que estavam falando outra língua... muito nervosos. Não sei o que eles achavam que queriam comigo.

A tragédia estava feita. Mas eles tinham vindo pelo nome errado.

AMOSTRA CONFIDENCIAL - PROIBIDA DIVULGAÇÃO